REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semest. — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 376

1 DE JUNHO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

JOAO BONANÇA — AUCTOR DA «HISTORIA DA LUZITANIA E DA IBERIA»

(Segundo photographia de Rocha)

CHRONICA OCCIDENTAL

No *Novo Secretario* do meu tempo, que hoje é com toda a certeza um secretario velho, entre os variadissimos modelos de estylo epistolar havia um que começava assim:

«Embaraçado me vejo ao fazer d'esta»

Eu hoje, sem forçar muito a nota, podia começar por essa mimosa phrase a minha chronica por que a verdade é que... ao fazer d'esta embaraçado me vejo...

Não porque estes dez dias não tenham sido ferteis em acontecimentos: tem e muito até, meetings e mais meetings tanto em Lisboa como no Porto, sessões tumultuosas cá e em Hespanha, votações importantes, tumultos, desordens, e até bomba de dynamite, a primeira que fez o seu debute na comedia politica da nossa terra, mas nada d'isso me pertence a mim e faz parte do dominio do meu distincto collega João Verdades, e portanto elle lá guisará essa *mayonaise* politica ao seu sabor, no que os leitores nada perdem, porque elle tem bom paladar.

E fóra d'isso nada tem havido de importante a não ser uma *soirée* aqui, outra *soirée* ali, uma peça nova aqui n'um theatro que está quasi a fechar as portas, uma peça velha ali n'outro theatro que se abre.

De S. Carlos, que no fim de contas é um dos assumptos que mais preoccupa actualmente uma determinada e importante parcella do publico de Lisboa, não ha nada resolvido ainda.

Constou aqui ha dias que o theatro ia ser posto a concurso, mas no *Diario do Governo* nada appareceu ainda, e esse não apparecimento reforçou os boatos que correm, cada vez mais insistentes, de que o theatro será explorado pelos herdeiros do fallecido emprezario sob a firma de *Successores de Campos Valdez*.

Seja como fôr porém, o que nos parece é que cada dia que se demora a resolução d'este negocio se complica mais o caso e se torna a situação gravissima para quem ficar com o theatro e muito desastrada para o publico frequentador de S. Carlos.

A estação vae muito adiantada, estamos em junho, e a organisação de uma companhia lyrica de primeira ordem, como não deve deixar de ser a de S. Carlos, é já hoje difficilima, e amanhã será absolutamente impossivel.

Toda a gente sabe que não abundam no mundo lyrico bons artistas, e que os poucos que ha, são disputados a pezo d'ouro e com grande antecedencia, por cinco ou seis theatros.

Os bons artistas não estão muito tempo sem escriptura: é preciso quasi sempre apanhal-os antes de findarem as epochas para que elles estão contratados e é evidente que os grandes cantores não estão de braços cruzados á espera de que a crise de S. Carlos se resolva e que o novo emprezario seja elle quem fôr, os vá buscar.

O sr. Campos Valdez tinha já feito umas escripturas antes de fechar a epocha: as das primas donas Tetrazzini e Pasqua, do tenor Brogi e do baixo Borruchia.

Mas estarão ainda de pé essas escripturas?

Esses artistas tendo fallecido o emprezario com quem tinham contractado, e não sabendo no que param as modas, não tendo garantidos pelo governo esses seus contractos, estarão ainda disponiveis, á espera do que se resolve, sacrificando os seus interesses a um compromisso que o é só para elles, visto que a outra parte contractante desappareceu e ainda se não sabe quem a substitue e se esse «quem» tomará ou não a responsabilidade d'esse compromisso?

A Van Zandt estava contractada, verbalmente suppômos, para vir dar uma serie de recitas a Lisboa.

Esse contracto estará de pé ainda?

Mesmo que assim seja, mesmo que estes cinco artistas se considerem escripturados a difficuldade da organisação de companhia completa é grandissima, porque ainda faltam o 1.º barytono, o 1.º baixo, uma prima dona ligeira, um tenor ligeiro, que não sabemos onde ir buscal-os agora!

Mas se por acaso os cinco artistas citados considerando-se desligados, como evidentemente se podem considerar, tiverem acceitado outras escripturas, o que será então a companhia de S. Carlos na proxima epocha!

Isto vale a pena de ser tomado a serio porque o é na verdade e muito especialmente dada a importancia excepcional que entre nós assumem as questões lyricas, os assumptos de S. Carlos.

Já mais d'uma vez o temos aqui notado e é assim mesmo, sem sombras de paradoxo: para Lisboa não ha assumpto mais grave que o de S. Carlos.

A cidade conserva se impassivel e indifferente a tudo, excepto ás questões lyricas.

Que um ministerio esteja completo ou não, que um ministro ou todos os ministros governem bem ou mal, não se lhe importa; mas que no elenco de S. Carlos não falte uma figura, que um cantor não desafine, que n'um rondó ou n'uma cavatina não falhe uma nota!

Se uma nota falha, se um artista dá uma fifia, se na companhia falta um tenor ou um barytono, vae tudo raso.

Ainda ha poucos mezes porque a sr.ª Pasqua não cantou excellentemente a Carmen, houve em S. Carlos um tumulto infernal, e na platéa ficaram umas poucas de cadeiras feitas em estilhas: ainda não ha muitos annos, porque uma empreza não poude em oito dias substituir uma cantora insignificante (a sr.ª Belloca) o publico atirou com essa empreza de pernas para o ar.

Quando entram no theatro de S. Carlos, os lisboetas transformam-se, metamaphoseam-se: deixam de ser os pacificos cidadãos com quem todos brincam sem perigo, para serem uns revolucionarios temiveis, que não admittem brincadeiras.

E no fim de contas quem paga as favas é o Estado: pelo menos foi elle quem as pagou quando foi a cambalhota da empreza Brito, por causa da substituição da cantora Belloca.

Forçada essa empreza a rescindir a sua escriptura, o governo teve que tomar o theatro, administral-o durante uma epocha, e essa epocha importou ao thesouro n'uma continha calada.

Ora para não acontecer outra vez isto, para o governo não ter que se ver no meio da epocha a braços com a administração d'uma companhia mediocre, e para o publico não ter que aturar durante cinco mezes essa mediocre companhia, é que nos parece bom que se pense n'isto a serio, que se resolva sem mais delongas a solução da crise, e que seja qual fôr essa resolução se tome depressa, a tempo ainda de se poder arranjar uma epocha lyrica rasoavel, no interesse de todos, do governo, de quem ficar com o theatro, e do publico que o frequenta.

A questão do theatro de D. Maria em que tambem tempo se fallou alguma coisa resolveu-se da mesma forma que nos outros annos: o theatro foi posto a cuncurso nas condições do costume e foi já adjudicado por cinco annos, á mesma sociedade artistica que o estava explorando.

Parece que, caso raro! o governo pensou em fazer alguma coisa a favor da arte dramatica, e n'esse sentido chegou até a mandar consultar o fiscal do governo junto do theatro de D. Maria, o nosso amigo e illustre auctor dramatico o sr. Sousa e Vasconcellos.

O sr. Sousa Vasconcellos lembrou alguns alvitres tendentes a melhorar o theatro portuguez, tanto quanto é possivel dentro da lei actual que o manda pôr a concurso e que não permitte que com elle se faça despeza.

Esses alvitres foram conhecidos do publico, e a imprensa tratou d'elles, discutiu-os, e lembrou outros.

Entretanto, caso vulgarissimo! nada se fez, e o theatro foi posto a concurso nas condições estabelecidas e ficou tudo na mesma.

Alguns d'esses alvitres não eram maus, mas não passavam de palliativos e quasi que achamos razão ao governo, em ter deixado estar o que estava sem lhe mecher.

O governo inspirou-se n'aquelle velho dictado de que «por pouca saude mais vale nenhuma.»

E a verdade é que todos os alvitres que se apresentavam, e que eram exequiveis dentro das acanhadas condições actuaes, pouca saude mais podiam dar ao theatro portuguez.

A unica cousa que lhe podia dar saude era uma reforma radical, que lhe devia fazer, e que temos ainda a esperança que um dia se fará, porque é uma obra de justiça.

Não se comprehende que se gastem rios de dinheiro com o theatro de S. Carlos, que se subsidie o theatro lyrico do Porto, que se gaste dinheiro com todas as bellas artes, e que não se gaste um real com a arte dramatica, a arte que mais cuidada e cultivada é em todos os paizes civilisados, a arte para que em Portugal ha decididamente mais talentos e vocações, a arte que assim mesmo despresada pelos governos, entregue ao Deus dará é ainda a nossa gloria no Brazil, e ha poucos annos tanto honrou o nome portuguez em Hespanha.

Esperamos por tudo isto que algum governo se lembre um dia de olhar a serio para o theatro portuguez e de fazer uma reforma a valer, tanto mais que não é preciso gastar mundos e fundos para isso e que até mesmo bem feita, bem pensada e bem realisada essa reforma, em vez de trazer despeza, embora pequena para o estado, pode vir a ser uma fonte de receita.

Entretanto o que é certo é que d'esta vez ainda nada se fez, e que o que valle ao theatro portuguez é ter ainda ido parar ás mãos d'um grupo d'artistas illustres, intelligentes e dedicados, que se não podem com certeza dar ao nosso theatro o desenvolvimento que só lhe pode dar uma ampla e rasgada reforma, lhe garantem todavia, pela sua administração passada, não o fazer descer do nivel em que elle está, manterem-n'o na altura a que pelo seu talento artistico e pelo seu escrupulo do *mise-en-scène*, o elevaram durante a sua gerencia.

E então, antes assim do que peior; o que não quer dizer que não seja necessario que venha um governo que faça melhor do que assim.

Gervasio Lobato.

JOÃO BONANÇA

(AUCTOR DA «HISTORIA DA LUZITANIA E DA IBERIA)

Parecerá facil escrever a biographia de um homem, cujas acções se reflectem ha mais de vinte annos no jornal, no pamphleto, no livro, e cuja voz tem sido escutada com attenção nas assembléas operarias, nos centros politicos e nos comicios, sendo não raro o seu nome e as suas obras citadas em prelecções scientificas; — parecerá facil, e comtudo não o é. Esse homem vive ainda: e a exposição, embora verdadeira, dos seus trabalhos, do seu merito, poderia ferir susceptibilidades e trazer ao biographado resultados diversos d'aquelles a que o seu incontestavel talento tem direito reconhecido. E é decerto impressionado por esta idéa que João Bonança tem, ha muito tempo, opposto uma pertinaz resistencia a que sejam publicados o seu retrato e a sua biographia.

Comtudo conseguimos essa permissão; e conseguimol-o agora, por uma fineza do proprietario do OCCIDENTE para com o auctor de tantos trabalhos, sobre os quaes sobresae a *Historia da Luzitania e da Iberia*.

Não precisamos recorrer a informações particulares para obter os dados biographicos de João Bonança; basta-nos lêr o supplemento do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, ou a *Revista Popular dos Conhecimentos Uteis* (publicação scientifica) e muitos outros periodicos nacionaes e estrangeiros que se tem occupado do escriptor ou das suas obras.

* * *

João Bonança começou a sua vida de escriptor, publicando em um jornal litterario uns artigos sobre a historia da civilisação em Portugal. Essa publicação denunciou, desde logo, os dotes do homem de lettras que em pouco tempo se devia evidenciar pelo seu talento na imprensa liberal como um dos mais rijos polemistas e energico estylista do jornalismo portuguez. É n'este campo que elle defende corajosamente e habilmente os principios mais avançados, alguns dos quaes receberam a realidade por actos do poder executivo e legislativo; e citâmos sem pretenção chronologica: a abolição da pena de morte — o estabelecimento do Registo Civil, — a ampla liberdade de imprensa, — descentralisação administrativa, — o alargamento e Representação das Minorias, — liberdade de associação e de reunião, etc., etc.

Está ainda de certo na mente de todos que nos lêem, quando, em 1866, se discutio nas camaras legislativas o projecto do Codigo Civil, João Bonança, escreveu o opusculo, então vivamente celebrado, em defesa d'essa democratica instituição, em cuja lucta encontrou ao seu lado Alexandre Herculano.

Ora foi em virtude da agitação por esta epocha produzida no publico illustrado que o Registo Civil ficou consignado no codigo. Como porém a sua execução ficasse dependente do respectivo regulamento, e este se demorasse por *motivos constitucionaes*, a lei foi illudida no seu objectivo. Por consequencia João Bonança continuou no seu

posto, isto é sustentando a execução da lei nos seus fundamentaes principios, propagando suas salutares doutrinas na imprensa, nos centros operarios e associações politicas, onde elle era, como todos sabem, um dos mais notaveis e principal influente. N'este civico empenho aconselhou e promoveu o affastamento da influencia clerical. Deante d'esta campanha porfiada e heroica o regimen social começou a perturbar-se, e o estado viu-se compellido a fazer o regulamento que obrigava a immediata execução d'essa mesma lei que com tanto esforço conseguira adormecer durante alguns annos...

Pouco depois, (1868) o nosso aristocratisado meio burguez é tomado de susto ante a publicação das *Questões da actualidade*.

É ainda João Bonança que no vigor da mocidade, aos trinta annos, vem pugnar pela Razão contra a benevolencia eivada de aspirações hystericas. Fóra apresentado em Côrtes um projecto contra a mendicidade, e o epulótico contra ésta chaga nacional eram... os Asylos! Com argumentos enriquecidos de exemplos demonstra João Bonança á face da sciencia e da logica que os Asylos longe de extinguirem a pobreza são um energico collaborador do seu desenvolvimento; — aconselha então, entre outros meios demolidores do pauperismo, o estabelecimento de colonias agricolas nos terrenos incultos. O seu parecer não foi attendido: são passados vinte annos, e a moderna direcção geral de agricultura, demonstra na sua lei organica, a sobeja razão do auctor das *Questões da actualidade*.

N'este mesmo trabalho, em outro capitulo, tem ainda João Bonança uma parte brilhantissima: é quando accentua que a imprensa jornalistica *não tem crimes, no campo dos principios*, e que é indispensavel a sua ampla liberdade para o progresso das sciencias e bem estar social. Como resultado de tão habil affirmação não tardou muito que o energico jornalista não conseguisse fazer executar a lei, que mais largas e justas liberdades deu á imprensa portugueza. É certo porém que os vindouros mal souberam usar d'ellas, e muito menos ainda tiveram forças para se opporem á lei moderna que tão irreverentemente modificou a que merecera os applausos e brilhante defeza de João Bonança!

Pouco tempo havia decorrido quando o auctor das *Questões da actualidade* publicou a *Religião e a Politica*; foi por esta epocha, 1870, que Bonança deixa o estado social que durante oito annos exercera, attirando com todas as prerogativas, posição e fortuna, aos pés de quem se julgava auctorisado a intimal-o a cerrar a consciencia e esmagar o pensamento!...

Em consequencia d'este acto em que o nosso biographado tão nobremente abandonara aos vorazes adversarios alguns annos de trabalho premiado n'um curso scientifico, — surgiram difficuldades de tal ordem, na sua missão civilisadora e proteccionista, que outro de genio menos arrojado e forte succumbiria a essa provação. Mas não foi assim, porque em 1872 eil-o na brécha outra vez, e publicando o *Seculo e o Clero*, onde a sociedade portugueza é profundamente estudada n'esse extraordinario periodo historico de 1820 a 1840. D'este notabilissimo trabalho é muito difficil conseguir um exemplar. Simultaneamente, João Bonança, dirige a *Republica Federal* e funda o celebre diario *O Trabalho*, — os primeiros jornaes republicanos que se publicaram em Portugal.

Ao passo que Bonança na sua inexgotavel actividade manifestava a sua intelligencia nos livros e nos jornaes, desenvolvia ao mesmo tempo esse ardente enthusiasmo, que então fez epocha, na organisação das associações trabalhadoras, a que os nossos operarios devem consideraveis melhoramentos, e das quaes o primeiro e seu principal nucleo foi a Protectora do Trabalho Nacional, constituida particularmente pelos esforços do jornalista do *Trabalho* e da *Republica* em concurso com o abastado industrial José Ferreira Nunes e Anthero do Quental. Um caracteristico singular d'estas associações em Portugal é que ellas nunca produziram aqui as desordens e violencias que se tem dado n'outros paizes — é que o espirito que mais directamente as inspirava procurava sempre harmonisar os interesses entre o Capital e o Trabalho. Queria-se favorecer uma classe; não se pretendia ferir nenhuma!

Este enorme serviço prestado ás classes desprotegidas deve-se incontestavelmente a João Bonança; e d'este facto verdadeiramente singular, pelo seu grande valor altruista, nos dá testemunho a *Reorganisação Social* publicada em 1875 por Bonança. Esta obra, caracteristica dos ultimos periodos do nosso meio social, foi largamente criticada por Teixeira de Vasconcellos e Ribeiro Guimarães no *Jornal da Noite* e *Jornal do Commercio*, e pelo eminente jornalista Antonio Rodrigues de Sampaio na *Revolução de Setembro*.

Isto no tempo em que só se discutiam e analysavam as questões quando profundamente estudadas.

Pois não obstante a analyse escalpelista e profunda critica de tam notaveis publicistas, alguns dos principios que então se julgaram *paradoxaes*, estão hoje acceites e reconhecidos como do melhor quilate no toque scientifico-social.

Senão, vejamos: — o regimen da propriedade, exposto na *Reorganisação Social* de João Bonança foi, ha poucos annos, apresentado nas camaras legislativas da republica franceza: o sufragio fundado na contribuição e que no mesmo trabalho publicado é tam vehementemente batido obrigou o governo portuguez a modificar o principio fundamental d'esse direito, concedendo-o aos chefes de familia e a todo o cidadão que soubesse ler e escrever, e tornando assim o sufragio quasi universal; o proprio projecto da representação das minorias, convertido em lei e ha pouco em execução, ali está arrojadamente iniciado. Os paradoxos de então, são hoje leis do paiz!

* * *

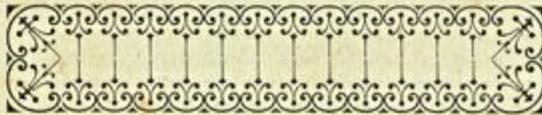
Nas noticias mais ou menos incompletas que encontramos sobre a acção benefica dos trabalhos de Bonança no regimen das cousas publicas, não vem mencionado um facto que deduzimos de uns artigos publicados no *Nacional*, do Porto...

Quando, em 1868, o ministerio reformista subio ao poder, as difficuldades financeiras levaram alguns chefes d'esse partido á tentativa de vender a nossa, hoje tam disputada, provincia de Moçambique a uma companhia allemã.

João Bonança que então escrevia artigos editoriaes no *Nacional*, attacou violentamente a ideia da venda de Moçambique mostrando com factos e com argumentos que esta nossa possessão africana era a zona mais rica do mundo, por isso que pelas exportações da sua alfandega confirmava perfeitamente o conceito que d'essa região faziam os viajantes e naturalistas: e conseguintemente Portugal não podia despojar-se d'essa provincia de incontestavel importancia sem renunciar á sua gloria passada e á possibilidade de ser, quando bem administrada, uma nação de primeira ordem!

Estes artigos produziram no publico vivissima impressão: — e Moçambique não se vendeu.

(Continúa).

Mario

AS NOSSAS GRAVURAS

O CASTELLO DE LEIRIA

Ergue-se ainda magestoso na sua ruina, sobre um monte sobranceiro ao valle em que está edificada Leiria, o seu antigo Castello, tropheu decrépito de suas passadas glorias.

Este castello foi levantado por D. Affonso Henriques, fundador da monarchia portugueza, e para assegurar o poderio do pequeno povo portuguez, que então conquistava palmo a palmo o paiz em que fundava a sua nacionalidade, varrendo da pininsula, á custa de muito sangue e de muitas vidas, os musulmanos que a occupavam.

São ainda hoje recordações d'essas sangrentas luctas, esses castellos arruinados, quasi derruidos que se encontram em varios logares do nosso paiz, como o castello de Leiria, um dos primeiros que o grande conquistador fundou nos annos de 1135, depois de ter conquistado Leiria aos mouros em 1134.

Em 1140 cahiu novamente Leiria e o seu castello em poder dos mouros ou do rei Ismar de Cordova, um dos reis que ficara vencido na grande batalha de Ourique.

Esta occupação dos mouros durou, porém, pouco, porque em 1141 D. Affonso Henriques reconquistou o castello depois de lhe ter posto cerco.

Conta-se que durante este cerco, um corvo que ora pairava sobre o acampamento christão, ora pousava sobre um pinheiro, impressionara com o seu continuo esvoaçar o exercito portuguez, que o tomou por bom agouro e o encorajou para a lucta que venceu.

Por isto se explica a existencia de dois corvos nas armas de Leiria que são: em escudo de prata coroado, um castello entre dois pinheiros com o um corvo sobre cada uma d'estas arvores.

Quatro annos depois, 1145, encontrava-se o castello outra vez em poder dos mouros, e novamente foi tomado por D. Affonso Henriques, sendo os mouros todos mortos.

Mas os musulmanos custava-lhes a perderem este formoso paiz, e por isso os primeiros seculos na fundação da nacionalidade portugueza foram uma lucta constante, em que as represalias se succediam de parte a parte com maior incarniçamento, e assim os mouros voltaram a conquistar Leiria em 1195 e com tal furia que arrazaram toda a povoação deixando apenas o castello onde se fortificaram.

Foi D. Sancho I que d'esta vez correu em soccorro de Leiria e expulsou do castello os seus novos dominadores, sendo esta a ultima tentativa que os mouros fizeram para voltarem aos seus antigos dominios.

Os successivos assaltos que o castello soffreu não podiam deixar de arruinar a sua fabrica, e por isso quando el-rei D. Diniz foi residir para Leiria por fins do seculo XIII, mandou fazer grandes obras n'este castello, ampliando a construcção e fazendo n'elle moradia real, dando o seu senhorio a sua esposa a Rainha Santa Isabel.

Hoje o castello de Leiria está em ruinas, onde se encontram ainda vestigios dos paços reaes e apozentos da Rainha Santa.

É simplesmente uma reliquia historica que o tempo vae consummindo até que de todo desappareça.

ELVAS — PORTA DA ALCÁÇOVA

Na visita que em fevereiro d'este anno fizemos a Elvas, e em que fomos obsequiosamente recebidos em casa do sr. dr. João Tierno, tivemos occasião de vêr em uma bella collecção de photographias que sua excellencia possue, uma que logo nos dispertou curiosidade.

Essa photographia, que o mesmo sr. muito amavelmente nos cedeu, é a que a nossa gravura reproduz e representa uma porta de estylo arabe que existia ainda não ha muito, em Elvas.

Esta porta era portanto um documento authentico da existencia dos mouros n'aquella cidade, no tempo do dominio d'aquelle povo na peninsula.

Para acompanhar-mos esta gravura com um artigo illucidativo, soccorre-m'o-nos do sr. Victorino d'Almada, escriptor tão consciencioso quanto investigador da historia portugueza, o qual muito obsequiosamente nos auctorisou a transcrever da sua excellente obra, em via de publicação, *Elementos para um Diccionario de Geographia e Historia Portugueza*, o artigo que se segue:

«A porta da Alcáçova é o actual arco do Miradeiro, e ficou-lhe este nome por ser a principal via de communicação do bairro da Alcáçova com a villa d'entre muros.

Encontrâmol-a designada pela epigraphe do presente artigo entre os annos de 1556-1627, assim como apparece com o titulo de rua da Porta da Alcáçova a actual de Martim Mendes, pelo mesmo tempo.

A 23 de setembro 1556 se passou titulo nôvo, por parte da confraria da Magdalena, a Isabel Vaz, viuva, d'umas casas que estavam junto da Porta d'Alcáçova, que eram da dita confraria e lhe faziam 40 rs. de fôro.

Acha-se esta antiga memoria no 1.º tombo da fazenda da Magdalena, 2.ª parte, a fol. 31.

As mesmas casas tinham passado, anno e meio depois, a outros senhorios, talvez os filhos d'Isabel Vaz; porquanto a 4 fevereiro 1558 se obrigam Manuel Lopes, Mór Rodrigues e Manuel Fernandes tecelão, a pagarem o fôro de 20 rs. á mesma confraria, pelas casas que têem «defronte da Porta da Alcáçova, que partem com casas do forno de Manuel da Rocha meirinho, e da outra parte com curraes de Francisco da Gama, e com rua que vae para o Salvador.»

Acham-se outras noticias no tombo velho dos foros do meio cabeção, no Archivo municipal, tanto a respeito da porta, como da rua, em data do 1.º de setembro 1587; e ainda a 9 de março 1627; se lhe dá esse nome promiscuamente com o moderno, a propósito d'um fôro que a Camara cobrava «nas casas de Manuel Alves sapateiro, que estão na rua da Porta da Alcáçova, que por outro nome se chama a Porta do Miradeiro.»

Este último documento está a fol 158 v. do tombo.

A porta de que nos occupâmos conservou a sua feição árabe até ao passado anno de 1887, em que o senhorio do predio contiguo, que tem uma casa por cima d'ella, a deformou completamente, aniquilando este precioso monumento da antiguidade,

quando julgava apenas embellezar o local com um arco vulgarissimo barreado d'argamaça!

Ninguem poude infelizmente acudir a este destroço, porque só houve conhecimento d'elle quando as pedras que o caracterisavam jaziam caidas em terra.

A 4 julho 1887 estava consumado este acto de vandalismo, quando o acaso nos encaminhou para alli.

Foi dolorosa a impressão que sentimos perante este desacato, e attónitos, e succumbidos ainda, remettemos no dia seguinte á Câmara municipal o aviso e memorial que transcrevemos em seguida:

«Ha cinco annos que a Commissão dos monumentos nacionaes, em circular expedida, creio que por intermedio do Ministerio do Reino, ouviu todas as Camaras municipaes do paiz sobre que edificios dos respectivos concelhos deveriam ser conservados como monumentos nacionaes. A esta circular respondeu a Camara d'Elvas em exercicio com as informações prestadas ao questionario pelo ex.^mo dr. Francisco de Paula Santa Clara; informações que tambem foram subscriptas pelo meu humilde nome, porque sua ex.ª tendo tido uma conferencia comigo sobre o assumpto, não quiz prescindir da minha assignatura acompanhando a sua.

«Nesse relatorio dizia sua ex.ª, que um dos monumentos dignos de serem conservados n'esta cidade era a porta mourisca chamada do Miradeiro; e com effeito era este o unico caracterisco, que do seu tempo nos tinha legado essa nação bellicosa, que a espada dos nossos Reis, desde Affonso Henriques até Affonso 3º, arrojou para além do Estreito ao traçarem as fronteiras da nova nacionalidade.

«Pois ex.^mos srs., a porta do Miradeiro, ou mais propriamente do Malhadeiro, ou porta da Alcáçova, como n'outros tempos era designada, já não existe!

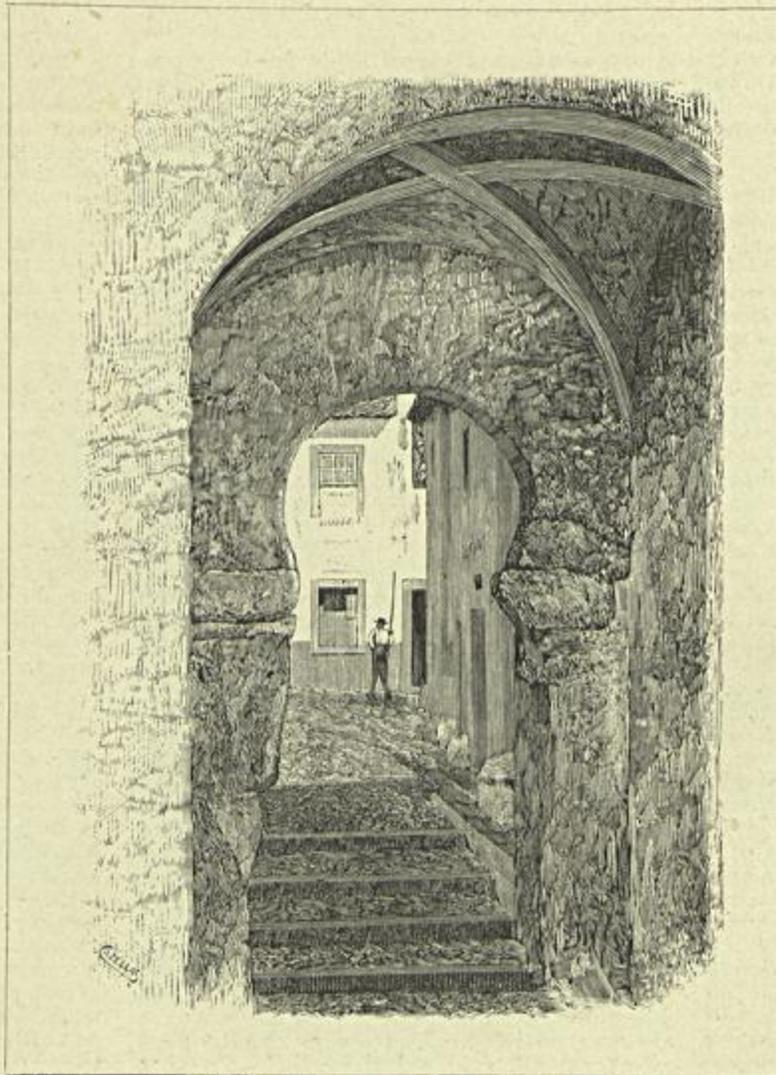
«Respeitaram-a todas as idades no perpassar de quasi sete séculos, para vir agora um particular, depois que ella estava considerada como monumento nacional, destruir aquellas curvas que lhe affirmavam a procedencia, e barrear-lhe o granito com uma camada d'argamaça!

«Não sei se lhe assistia direito de fazel-o, visto que a porta está no muro velho da cidade, e é como tal propriedade da Nação; o que sei infelizmente é que esta atrocidade é hoje irremediavel, e só poderá este facto servir de lição para o futuro, uma vez que se introduza nas posturas, se é que não existe já, uma disposição prohibitiva de se demolirem, reformarem ou fazerem de nôvo quaesquer construcções sem previo conhecimento da Camara, a qual pela sua parte deveria mandar collocar desde já o distico de «monumento nacional, em todos os que foram apontados como taes.

«Desculpem-me V. ex.^as a liberdade que tomo em suscitar-lhes esta lembrança. Faço-o sem outras pretenções que não sejam diligenciar que se ponham pêas aos vandalismos, que tanto condemnamos nas gerações que passaram, e, por nosso mal, continuam impunes no nosso tempo.»

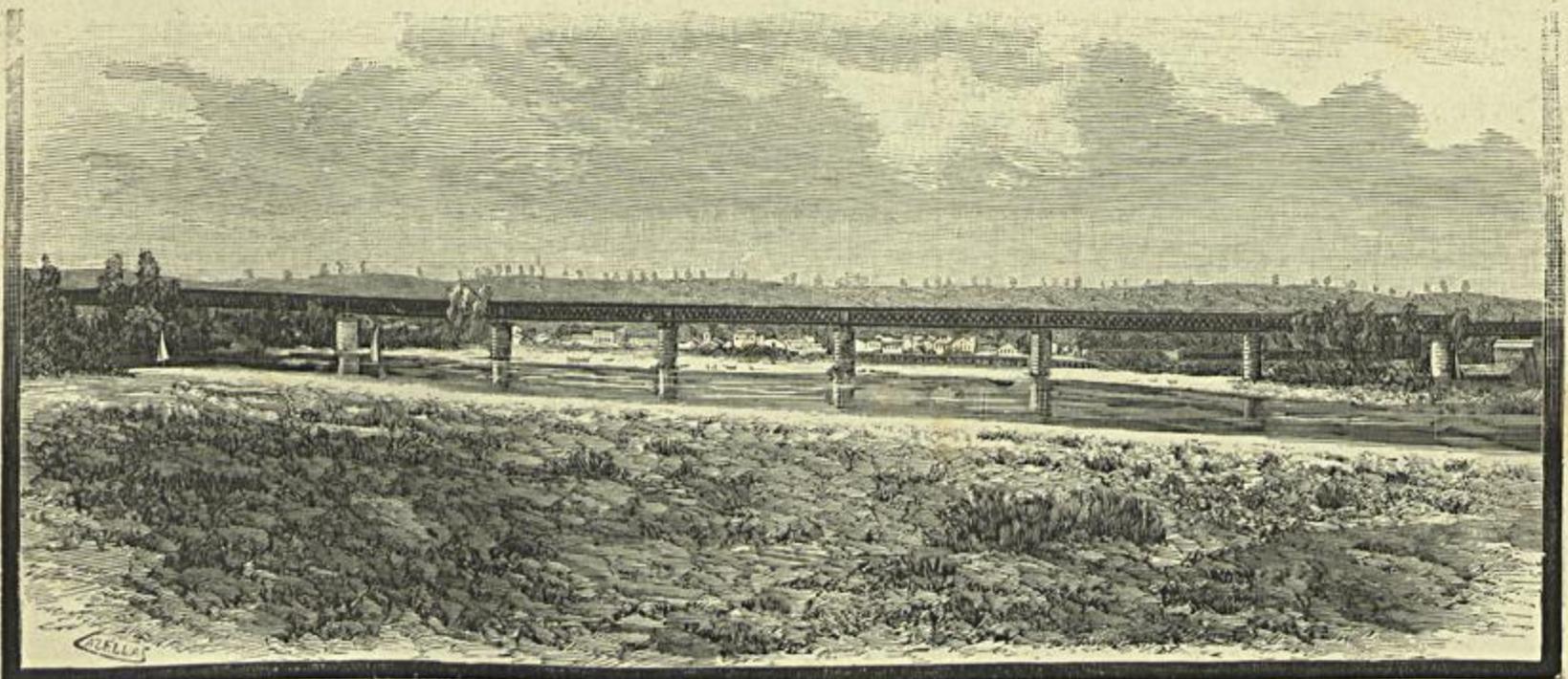
Este memorial foi apresentado em sessão de 19 de julho. A Camara não aceitou o alvitre proposto, cremos que o unico de que se podia tirar algum resultado.

Mandou porém reproduzir nas folhas periodicas a resposta ao questionario remettido pela Commissão dos munumentos nacionaes, em que se apontavam os que deviam ser conservados em Elvas, a qual já tinha saido na *Sentinella da Fronteira*, assentando em que esta reproducção tornasse a fazer-se no começo de cada anno, «a fim do publico ter perfeito conhecimento de quaes são os edificios d'este concelho que devem ser conservados como monumentos nacionaes.»

Um photographo polaco, que esteve em Elvas em 1882, deixou entre uma série de vistas de varios sitios e monumentos da cidade, uma representando o arco do Miradeiro, unica memoria authentica da velha porta da Alcáçova, que pode esta geração legar aos vindouros.»

ELVAS — Porta da Alcáçova

(Segundo uma photographia)

A EXPOSIÇÃO DA CAIXA ECONOMICA OPERARIA

A exposição que a *Caixa Economica Operaria* acaba de inaugurar nas salas do seu edificio da rua da Infancia, é o mais eloquente testemunho

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Ponte da Beira Baixa, inaugurada em 5 de maio de 1889

(Segundo uma photographia de J. H. Mimoso)

de quanto valle a força associativa bem dirigida e sinceramente aproveitada.

Ha treze annos que alguns operarios do bairro de Alfama pensaram em organisar uma associação, sob o titulo de *Caixa Economica Operaria* com o fim de se auxiliarem mutuamente, instruindo-se, reunindo as suas economias a formarem um fundo social para prover as suas necessidades de consumo e fomentarem a sua producção, a adquirir instrumentos do trabalho, formando emfim uma grande familia em que todos trabalhassem para um melhor futuro.

Foram precisos muitos sacrificios, muita abnegação para que esta idéa progredisse; mas a persistencia, o bom censo, a boa administração economica, a ordem e o sincero desejo de chegar ao fim a que os iniciadores d'esta associação se tinham proposto, venceu todas as difficuldades; e nada mais sympathico de vêr que a fé, a coragem e amor com que estes obreiros do bem tem trabalhado durante tantos annos, dia a dia, noite a noite, para engrossarem o seu capital e chegarem aos mais brilhantes resultados praticos.

Ao fim de dez annos de associação *A Caixa Economica Operaria* conseguia ter uma casa sua, construida em terreno que a camara municipal de Lisboa lhes cedeu para esse fim, e o capital preciso para levantar o edificio foi fornecido pelo cofre da *Caixa* e d'entro em dez annos deve estar pago.

E em cada anno que passa o seu movimento de capital cresce a olhos vistos, recompensando generosamente, os sacrificios que foi mister fazer para chegar a este ponto.

Mas os iniciadores d'esta florescente associação não se deixam adormecer sobre os louros colhidos, e vem d'isso dar uma prova evidente, na exposição de trabalhos da industria dos seus associados e de todos os que á mesma quizeram concorrer apresentando productos da industria nacional.

E' esta exposição que foi inaugurada no dia 26 do mez passado, e que honra sobremodo os seus iniciadores, incansaveis obreiros do progresso, que tem a comprehenção de que o trabalho é a unica fonte d'onde devem esperar todos os bens que depois de fazerem a felicidade das familias fazem a felicidade das nações.

As salas da *Caixa Economica Operaria* apresentam actualmente uma exposição digna de se admirar, pelo esforço enorme que para a nossa industria representam estas manifestações do trabalho nacional, tão desprotegido e desprezado.

Ali se podem vêr desde a machina de vapor até ás industrias caseiras. De tudo ha um pouco que nos diz que de tudo se produz na nossa industria.

Os productos da metallurgia, são completos e representam bem os progressos d'este ramo no nosso paiz. Depois encontramos os productos da typographia, da chapellaria, dos tabacos, da marceneria, das industrias caseiras, da gravura e da esculptura em madeira em que se notam muito especialmente os magnificos trabalhos de talha executados pelos srs. Passos de Azevedo e José Maior para o sr. Dr. Rebello da Silva.

Exemplo digno de ser imitado nos apresenta esta sympathica associação, n'este certamen do trabalho, e nós que sempre aqui temos pugnado pelas artes e industrias portuguezas, não podemos deixar de prestar todo o louvor a esta eloquente e gloriosa manifestação, archivando em nossas paginas a noticia d'este facto tão importante para a historia do trabalho nacional.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES
A PONTE DA BEIRA BAIXA

De todos os muitos que viajam no nosso paiz, por divertimento, por ver terras e percorrer distancias, admirando panoramas, respirando livremente, poucos, bem poucos são os que se têem dirigido á nossa linha ferrea de leste, na parte comprehendida alem do Entroncamento.

A preoccupação, a fama, de que o Alemtejo é feio, affasta d'ali os *tourists* e a companhia aconselha este modo de ver, não incluindo este troço de linha nas suas viagens circulatorias; de forma que só os que se dirigem a Hespanha o passam de noite, sem se aperceberem se é bonito ou feio, ou os que vão a negocio lhe veem as bellezas, sem lhes prestarem attenção.

E estas, não obstante, não são tão poucas que nos impeçam de aconselhar o leitor a que um dia se dirija até Abrantes, em um comboio de dia, e estamos certos de que não nos classificarão de maus conselheiros de viagem.

A ponte do Tejo, hoje reconstruida pela casa Eiffel, o castello de Almourol, poeticamente isolado na sua pequena ilha, a estrada da Barquinha, serpenteando á beira do Tejo, as margens d'este, risonhas, verdejantes, salpicadas de casinhas brancas; tudo isto visto cá de cima, da linha ferrea que corre parallela ao rio, são attractivos que não deve deixar de conhecer quem quer passar um dia longe da capital, aproveitando-o para conhecer pontos de vista apreciaveis e sempre variados.

Foi esta a impressão com que chegámos a Abrantes quando, em 5 de maio ultimo, convidados pelo intelligente engenheiro mr. Rolin fomos ver a nova ponte que a Société de Braine-le-Comte acaba de construir na linha da Beira Baixa, e a nossa gravura hoje representa.

A ponte é de uma construcção elegante, servindo de ligação entre as duas margens do rio no ponto inferior ao castello.

Tem a extensão de 442 metros e a altura de 34.80 sobre o nivel das aguas.

Divide-se em 7 vãos, sendo dois, os extremos, de 48 metros, e os cinco restantes de 60 metros. Alem d'isso ha dois tramos metallicos, um em cada margem, com 15 metros e meio cada um, os quaes ligam com os encontros.

Os pilares são de cantaria, fundados por meio de ar comprimido a uma profundidade de 10 a 12 metros.

Foi sobre um d'estes pilares, o 2.º do lado de Lisboa, ou seja á esquerda da nossa gravura, que se realisou o jantar inaugural a que assistiram os engenheiros da Société Internationale e da Com-

O CASTELLO DE LEIRIA
(Dezenho do natural por J. R. Christino)

panhia real portugueza, e alguns, poucos, convidados, jantar que foi muito amavelmente offerecido por mr. Rolin, mas muito geladamente servido pelo restaurante do Entroncamento.

E' a segunda vez que escrevo isto na imprensa, e repetil'o-hei emquanto me lembrar da desagradavel impressão que em todos produziu, depois de oito horas de viagem, uma sopa completamente fria e uns outros pratos, razoavelmente cosinhados mas frios, como a sopa.

A' parte este defeito, a festa — pequena festa de familia, como lhe chamava mr. Rolin — foi das que mais gratas impressões nos têem deixado.

Ali, sobre a ponte, sentindo em baixo o marulhar das aguas, associado á musica que tocava na margem esquerda, e aos alegres cantos e dansas dos populares que, com os trajos de festa, vieram animar o quadro, vendo deslisar sob nossos pés os barcos empavesados, cheios de familias que de lá nos saudavam, acenando-nos com os lenços, tendo ao nosso lado direito o velho castello que dava como que a nota seria n'aquelle conjuncto garrido, vigiando-nos do alto da sua montanha sombria, o espectaculo era verdadeiramente encantador.

E tão digno de enthusiasmos que, apesar do jantar, a festa correu animadissima, fazendo-se muitos brindes e reinando sempre a mais franca alegria.

E já que tornámos ao assumpto, terminemos por confessar uma falta que acima praticámos ao dizer que todos os pratos estavam frios. Um houve, de que não provámos, mas que nos disseram que chegou um pouco quente ainda.

Foi... a *mayonnaise*.

L. de Mendonça e Costa.

GARIBALDI

Faz amanhã sete annos que morreu em Caprera, pequena ilha do Mediterraneo, o valente caudilho da unidade italiana Giuseppe Garibaldi.

Entre os homens mais admiravelmente notaveis que formam a brilhante galeria da historia politica contemporanea, destaca-se o denodado general italiano como um dos vultos mais proeminentes nas sublimes conquistas da civilisação dos povos da raça latina.

Nascido em Nice a 4 de julho de 1807, segundo alguns historiadores, e segundo outros a 22 do mesmo mez e anno, morreu a 2 de julho de 1882 com setenta e cinco annos incompletos, depois de juntar o seu nome immortal aos dos já immortaes seus patricios: Cassini, Maraldi, Carlo Vaulvo, Gioffredi, Lascaris e Massena, que são a gloria de Nice e o assombro da Italia, tendo a sua espada representado o principal papel na reconquista da independencia italiana ao lado do primeiro rei liberal que deu á Italia a constituição, Victor Manuel!

O pae e o avô de Garibaldi eram pescadores e a esta circumstancia deveu elle o ter soltado os primeiros vagidos em pleno mar, misturando-os com os grandiosos rugidos d'uma tempestade.

Acalentado pelas ondas, desenvolvido ás brisas e ao sol, tendo recebido o baptismo da agua salgada, dedicou-se á vida do mar.

Depois de ter recebido de seus paes uma educação mais que regular e não podendo conformar-se por mais tempo com a vida de estudante, combinou com alguns companheiros fugir de Nice e ir precurar fortuna.

Camillo Leydanier auctor de umas *Memorias authenticas* sobre Garibaldi, longe de se referir a esta fuga, conta que Garibaldi aos 13 annos se fizera marinheiro sem que seu pae lhe contrariasse esta resolução, fazendo a sua aprendizagem do mar n'um d'esses pequenos barcos de pesca que de Genova e da Costa de Nice, iam então regularmente todos os annos á pesca da sardinha nas Costas de Languedoc, desde Aigues-Mortes até Port-Vendres.

Durante a sua carreira fizera conhecimento com um mestre de pesca, um patriota hespanhol, proscripto de Hespanha por causa da contra revolução de 1815, e que tinha successivamente ajudado em 1820 e 1821 as revoluções do Piemonte e de Napoles.

As suas narrações todas grandemente coloridas de um nobre sentimento de amor patrio, fizeram tal impressão no espirito de Garibaldi, que este, d'ali em diante, só teve um pensamento perdominante, ser um dia util á causa da terra que lhe dera o berço.

Desejando procurar vida mais aventurosa, Garibaldi embarcou em diversos navios mercantes que faziam carreira para o Mar-Negro, portos de Asia-Menor no Mediterraneo e varios portos de Italia.

Uma occasião, emquanto o navio em que então andava, recebia carregamento no porto de Civitta-Vechia, desembarcou para visitar Roma que estava a dois passos.

Contava então 25 annos.

A vista da Cidade Eterna, os monumentos da sua gloria passada e a evidencia do seu actual abatimento, comparado com a Grecia então em todo o enthusiasmo da sua liberdade conquistada, imprimiu em Garibaldi uma ordem de idéas mais aferradas ao sentimento da independencia, e alguns trechos de poesias e fragmentos de cartas, escriptas n'essa epoca pelo grande general, revelam o fogo da sua paixão pela causa nacional, que serviu com tanta firmeza como desinteresse.

D'ali em diante o espectaculo da Italia avassalada tornou-se para o illustre patriota de tal maneira humilhante que se sentiu disposto a emprehender tudo para apressar a liberdade d'aquella pobre e grande captiva, porem só quando completou 26 annos é que começou o seu inicio nos projectos politicos dos patriotas italianos.

Angelo Brunetti, que uma noite Garibaldi encontrara nas ruinas do *Colyseo* em Roma, filiara-o na *Carbonara*, a sociedade secreta mais poderosa do mundo. Em Napoles, séde da *Venda* ou loja suprema, contava esta sociedade 650:000 *primos*, e no Piemonte mais de 400:000.

* * *

Os annos de 1833 e 1834 como todas as epocas revolucionarias foi fecunda de acontecimentos, e as suas consequencias não se fizeram só sentir em Portugal e França, a Italia experimentou por sua vez a acção d'aquelle movimento.

Em Piemonte onde reinava Carlos Felix organisava-se uma poderosa conspiração contra a Austria e seus partidarios.

Carlos Felix era um principe que não gosava da sympathia popular; caprichoso, intractavel desejando apenas ver cumpridas sem discussão as ordens ainda as mais absurdas, passando a vida nos theatros fazendo amor com as bailarinas que o captivavam nas suas *poses* choregraphicas, só vivia para as nescidades e chocarrices dos seus cortesãos que subiam aos mais altos logares do estado pela intriga e pela calumnia.

Fallecendo em 27 de abril de 1835 succedeu-lhe Carlos Alberto, que pelas circumstancias talvez excepcionaes do seu reinado, em pouco poude mudar a situação dos piemontezes.

Foi n'este anno que o governo Piemontez conseguiu fazer gorar uma conspiração, a primeira em que entrára Garibaldi, e este julgando a sua liberdade ameaçada, embarcou para o oriente.

Em Taganrok encontrou um compatriota cheio de confiança nos bons destinos da Italia, sentiu de novo animar-se o seu espirito pela causa da independencia italiana, e tendo recebido noticias de Genova, em que o informavam de que a policia piemonteza não o tinha contado no numero dos conjurados, voltou á Italia e pouco depois alistou-se na marinha de guerra sarda, a bordo da fragata *O Genio*.

Em Genova organisava-se n'esta epoca uma conspiração poderosa que devia estalar tambem a um tempo em diversos pontos do Piemonte, e cujo fim em Genova era apossar-se do quartel dos Gendarmes, da praça Lazano.

Garibaldi recebendo a senha d'este movimento teve ordem de aprisionar a tripulação da *Genio* e pôr a fragata á disposição dos republicanos.

Mas esta tentativa de revolta não teve melhor exito do que a primeira e Garibaldi teve de fugir disfarçado em aldeão, sendo d'esta vez o seu nome incluido na lista dos sentenciados á morte e a sua cabeça posta a premio.

Depois de passar o Var refugiou-se em França, ao cabo de doze dias de viagem, proscripto, condemnado á morte, não tendo recursos alguns para viver.

* * *

Chegado a Marselha assoldadou-se a bordo de um navio mercante francez, fez duas viagens a Odessa e a Trieste passando depois para Tunis, onde se apresentou ao Bey, offerecendo-lhe os seus serviços, pelo que foi admittido na marinha berberesca na qualidade de tenente.

Uma occasião, achava-se a bordo da *Clorinda*, de viagem de França para Constantinopla, levando a seu bordo grande numero de passageiros pertencentes a uma seita de sansimonianos que a *Clorinda* conduzia á capital da Turquia e cujo chefe era Emilio Barrault.

Os sansimonianos tinham calculado ao sair de França o tempo que poderia durar a sua viajem, resultando para elles d'este calculo a certeza de chegar a Constantinopla antes da Paschoa, e portanto a necessidade de celebrar a bordo esta festividade religiosa.

Para esse fim tinham embarcado um cordeiro o qual durante grande parte da travessia foi cuidadosamente mantido para que fosse digno da sorte que lhe estava reservada.

Garibaldi tratava-o sempre com muito carinho, a tal ponto que o cordeiro ao cabo de alguns dias, completamente familiarisado com elle, ia comer á sua mão sem o mais pequeno receio.

Mas para que estão condemnadas a tão curta duração as affeições humanas? Ou p'lo menos, por que inspiram tanta dedicação seres destinados a uma existencia de poucos dias?

No praso fixado o amigo de Garibaldi foi degolado.

Emilio Barrault propoz ao capitão dispor sobre a tolda uma mesa para toda a guarnição e passageiros. Esta ideia foi bem acceita e o capitão a approvou d'esde logo.

O tempo era magnifico, o navio deslisava tranquillamente, os numerosos convivas sentaram-se á mesa e começou o festim.

Dividiu-se o cordeiro paschal e cada qual se apressou a devoral-o com a maior satisfação possivel.

O unico que se absteve de comer foi Garibaldi.

— Está doente, perguntou-lhe o capitão, surpreso.

— Absolutamente... respondeu-lhe Garibaldi.

— Prove, então um pouco d'este cordeiro que está saborosissimo.

— E' impossivel capitão.

— Impossivel? Não era o seu favorito? ..

— Sim capitão, era um animal que tinha sabido captivar a minha affeição e por isso...

— Confesse que alguma outra razão tem para não aceitar o que se lhe offerece. Não é natural que um marinheiro tão bravo e que se acha em tão agradavel reunião se faça rogar a ponto de...

— Pois bem, capitão, ao pensar que esse pobre animal vinha todos os dias comer docilmente da minha mão, sentiria, se tivesse a desgraça de provar d'elle, que commetteria um crime como se devorasse a carne de uma creança a quem tivesse visto crescer.

Esta resposta tinha tal caracter de sinceridade que o capitão não insistiu mais, comprehendendo toda a nobreza de similhante proceder.

Em 1836 decidiu-se Garibaldi a passar á America do Sul.

Chegou ali no momento em que o Rio Grande em guerra com o Brazil podia vantajosamente utilisar-se dos seus meritos.

Relacionado com o presidente da republica do Rio Grande, obtem cartas de côrso, arma em guerra um navio costeiro de 35 tonelladas, assoldada quinze homens quasi todos italianos como elle, e com duas peças de 56 á prôa e a bandeira republicana do Rio Grande fluctuando á pôpa toma posse do Oceano e declara guerra ao Brazil.

Não nos demoraremos descrevendo as muitas aventuras que n'esta grandiosa lucta de mezes se preparam ao notavel general.

Depois de ter arvorado o pavilhão republicano do Rio Grande ao sair do Rio de Janeiro; apresado um brigue brazileiro á vista da barra; combatido duas balandras nas aguas de Montevideu apenas com quatro homens de equipagem, saindo apezar d'isso victorioso; ter arcado em Gualeguay com toda a casta de soffrimentos pela cruel perseguição que lhe fizeram por ter seguido a causa do Rio Grande, entra em Piralinim onde é recebido com grande distincção por Bento Gonçalves, então dictador da nascente republica.

Garibaldi alistou-se no exercito de terra e achou-se na batalha de Rio Pardo onde os republicanos bateram o exercito liberal.

A lucta entre os republicanos do Rio Grande e o imperio do Brazil prolongou-se ainda algum tempo. Umas vezes guerrilheiro, outras chefe de flotilha, Garibaldi mostrou-se sempre dedicado pela causa do povo, e só quando viu que a guerra de principios se transformara em guerra de ambições individuaes, é que deixou o Rio Grande e partiu para Montevideu, onde durante alguns mezes obteve a sua alimentação dando lições de geometria.

(Continúa)

Julio Rocha

EDUARDO COELHO

Labore omni vincit improbus

(Continuado do n.º 375)

Como já dissemos não é uma biographia, o que escrevemos, mas recordações. Ha de achar-se, forçosamente, atropellada a ordem chronologica. Não importa; que coordene quem quizer estes factos, que são de todo o ponto veridicos.

Eduardo Coelho quer da sua unica lavra, quer de collaboração, deixou dispersos trabalhos, que deveriam voltar á luz da publicidade.

Com o nosso amigo e illustre collega, o dr. João Cesario de Lacerda, Eduardo Coelho em 1862 ou 1863 traduziu o drama *O sapateiro de Pariz*, que foi representado no theatro da Rua dos Condes, com applauso.

Pelos annos de 1865 planearam ambos uma publicação, que deveria sahir mensalmente em folhetos e intitular-se: *Os homens do nosso tempo*. Eduardo Coelho começou a trabalhar na biographia e apreciação de José Estevam e o dr. José Cesario de Lacerda na biographia de Garrett.

Cada folheto deveria conter a biographia e apreciação dos trabalhos de um homem notavel d'aquella epocha.

Entre o nosso preclaro amigo, o dr. João Cesario de Lacerda e o nosso querido mestre conservaram-se inalteraveis as relações de amizade e de boa camaradagem, não obstante os rumos differentes, que tomaram ambos na sua vida tão activa.

Com Mariano Froes traduziu Eduardo Coelho o celebre drama de Victorien Sardou *Diogenes*, destinado ao theatro de D. Maria 2.ª, mas que nunca foi representado.

Eis algumas das obras publicadas em volume.

A vida de um principe, estudo romantico, 1859.
Amor e amisade, comedia n'um acto.
Tribulações de um poeta, idem.
Comedia na rua, idem.
Namorado exemplar, idem.
A castellã, idem.
A sombra de 1850, idem.
Segredo da corteză, idem, traducção.
Amor aos bofetões, comedia n'um acto, representada em differentes epocas e cuja 2.ª edição está quasi esgotada.
Vingança de um beijo, idem, traducção.
O prestidigitador, drama em 5 actos traducção.
Primeiros versos, 1861.
Amor conjugal, comedia n'um acto, 1863.
Oppressão e liberdade, drama em 2 actos e 3 quadros.
Passeios na provincia, 1873.
Historias de hoje, 1877.
Passeios no estrangeiro, 1879.
Nos brindes annuaes do *Diario de Noticias*.
Pedro Esteves, no primeiro.
As columnas da rua Nova, no terceiro.
Episodio da emigração polaca, no setimo.
A condessa do Carregal, no nono.
Lenda das ruinas, no decimo.
Meu pae, no decimo primeiro.
Estrella, no decimo terceiro.
O casamento da rainha de Inglaterra com o reino de Portugal, no decimo quinto.
Scenas do drama moderno, e uma tourada no seculo XVII no decimo sexto.
Noticias velhas, no decimo setimo.
Realidades funestas, no decimo oitavo.
Como saiste visconde, no decimo nono.
Portugal captivo, dedicado á commisão central 1.º de dezembro no vigessimo.
Victor Hugo, trecho da sua vida e das suas obras, no vigessimo primeiro.

Os seus trabalhos publicados no Diario de Noticias e em varios outros jornaes e semanarios são numerosos.

Ha annos tinha publicado um poema em folhetins intitulado a *Creação da mulher*.

*

* *

A industria portugueza deve a Eduardo Coelho os mais relevantes serviços. No *inquerito industrial* desenvolveu uma extraordinaria energia, acompanhando a visita ás fabricas com artigos favoraveis ás industrias, no *Diario de Noticias*.

«Foi em toda a sua vida, disse Jayme Victor, nosso collega do *Correio da Manhã*, um liberal convicto e propugnou com ardor por todas as manifestações da liberdade. Deve-se-lhe uma propaganda tenacissima a favor da industria portugueza, em que sempre acompanhou Antonio Augusto de Aguiar, de quem foi por assim dizer o amigo e o principal vulgarisador dos seus principios e da sua obra.»

Visitou muitos pontos do paiz, observando industrias e evangelisando no *Diario de Noticias* a favor d'ellas.

(Continúa) *João de Mendonça.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XV

— Já se vê que não, respondeu resoluto o Quim.

— Bello! folgo em ver que não me enganei no conceito que fiz do meu amigo! exclamou o major contentissimo por ver a serenidade e a resolução com que o seu visinho Quim encarava os pontos d'honra.

— Desde o momento em que o Dominguinhos tornou publica a offensa, eu não posso deixar de proceder.

— Exactamente, o sr. não pode deixar de proceder.

— E proceder energicamente.

— Apoiado!...

— E portanto embora isso me custe não tenho outro remedio senão ir fazer queixa ao pae.

— Fazer queixa ao pae! repetiu o major Rodrigues muito espantado, muito embatucado como que cahido das nuvens.

— A mim custa-me porque o Pereira é amigo do Leitão, e o Leitão é meu amigo.

— Fazer queixa ao pae! repetiu o major Rodrigues outra vez ainda, como se essa phrase não conseguisse entrar-lhe lá dentro na caximonia.

— Mas não acha que não posso deixar de dar esse desgosto ao Leitão? insistiu o Quim Barradas.

— Qual desgosto nem qual Leitão! o sr. o que não pode é deixar de lavar em sangue a offensa feita ao seu caracter.

— Lavar em sangue? repetiu a seu turno o Quim muito espantado: mas como hei-de eu lavar em sangue? Em qual sangue?

— No sangue d'aquelle que o offendeu.

— No sangue do filho? Mas o filho é um fedelho.

— Então no sangue do pae.

— Mas o pae não me offendeu.

— Em summa, no sangue d'um d'elles, ou no sangue do pae ou no sangue do filho.

— Ou no sangue do Espirito Santo! concluiu o Quim com um risinho amarello e querendo botar a coisa á chalaça.

— Não se ria que o caso não é para rir, reprehendeu severamente o major Rodrigues.

— Bem sei que não é, tornou o Quim muito massado.

— Eu vejo que o meu amigo está um pouco perplexo sem saber o que hade fazer.

— Não, não estou... se o caso fosse com um homem...

— O sr. já teve algum duello?

— Não, mas já estive para ser convidado para padrinho d'um que não se realisou.

— Bem! então deixe o caso por minha conta.

— Não senhor, não posso deixar caso nenhum por conta de ninguem, tornou o Quim já enfastiado.

— Não me incommoda nada, insistiu o major.

— Pois sim mas eu é que não quero...

— Eu não tenho nada que fazer, demais a mais vou almoçar hoje com o capitão Mendes.

— Vá o meu amigo almoçar com quem quizer; peço-lhe que não pense mais em tal coisa.

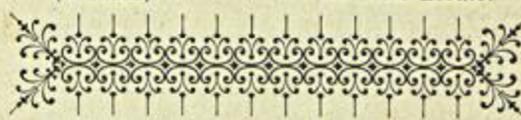
— Bom, bom, comprehendo... Não fallemos mais n'isso disse o Major Rodrigues com um sorriso singular.

— Exactamente.

— E agora dê-me as suas ordens, continuou o major levantando-se, são horas d'ir até casa do capitão Mendes.

E o major sahiu sempre com o tal seu sorriso singular.

O Quim muito aborrecido, muito contrariado com toda esta historia, comprehendeu a posição critica em que o callocara a carta do Dominguinhos no *Jornal do Commercio*, foi almoçar com sua irmã, mas teve o cuidado de lhe não dizer palavra ácerca do que se passára com o major Rodrigues, inventando um pretexto qualquer futil para explicar a visita d'elle.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Continua a superabundar o assumpto para esta secção, embora esse assumpto seja monotono, nada variado, e não saia das interpelações no parlamento e dos comicios nas ruas, o que á primeira vista fará suppor que a politica portugueza está sobre um volcão prestes a exploir em arrogantes lavas, desde o cabo da Roca até Campo Maior e do Cabo de Santa Maria até Melgaço.

Quem tomar a serio as indignações da imprensa da opposição, acreditará effectivamente que o paiz está á beira do abysmo, se a opposição não correr a salval-o; ao contrario os que acreditarem nas maravilhas que lhes contam os jornaes do governo, viverão no feliz gozo de que o paiz se acha n'uma paz e n'uma abundancia só egual á dos seus tempos aureos das riquezas da India e da America.

Mas a verdade é que a nossa situação politica é sempre a mesma no fundo, embora na aparencia pareça diversa.

Pensar que a mudança de governos no nosso paiz, póde influir na melhoria da nossa situação politica, é uma ingenuidade que já não é permettido ter. A melhoria é simplesmente individual, para um certo numero que perde ou ganha com a conservação de um governo ou com a ascensão d'outro ao poder.

Tudo se limita a isto, e é tal a convicção que o povo tem d'esta verdade, que na sua grande maioria se conserva indifferente a toda a intriga politica que se move em volta d'elle, constituindo-se mero espectador dos que influenciados pelos grupos politicos se arrastam até aos comicios a fazer numero, mas sem convicção nem fé.

Só assim se explica que se convoquem duzias de comicios para protestar contra esta ou aquella medida governativa ou mesmo contra todas as medidas, e que afinal esses protestos não tenham força para alcançarem o seu fim.

Só assim se explica que depois de um sem numero de interpelações feitas ao governo, provocando outras tantas moções de censura e de confiança, só estas ultimas sejam approvadas, perdendo-se toda a rethorica despendida em indignações contra o governo.

A ultima moção de confiança votada na Camara dos pares, a respeito do pagamento da divida dos tabacos, não se póde dizer que fosse um primor de confiança, e francamente pela maneira por que ella foi formulada, pensamos que até a opposição a poderia ter votado, porque se a camara não se considerava sufficientemente habilitada a julgar da legalidade com que o governo tinha pago aquella divida, e aguardava a apresentação de documentos, que tinha por indespensaveis para formar o seu juizo, é certo que essa votação apenas suspendia os juizos temerarios, e dava ao governo tempo para se justificar quando podesse.

E' original, pois não é?

Entretanto esta votação salvou o governo que a acceitou por boa, visto que a camara lh'a não quiz dár melhor, e a situação continua a sustentar-se, com grande desespero da opposição que vê o parlamento prestes a fechar as suas portas sem conseguir derrubar o governo.

Os comicios que se estão succedendo no Porto com uma frequencia desusada, não conseguem mais que o parlamento, e a annulação que esses comicios pedem da Companhia Vinicola do norte, torna-se cada vez mais difficil, porque a companhia já se acha constituida e os capitaes compromettidos.

Não satisfazendo os comicios ás exigencias para que foram inventados, appareceu por alta noite na Cidade Invicta uma bomba de dynamite a estoirar á porta do sr. Correia de Barros governador civil da cidade.

Esta novidade produzio mais sensação que todos os comicios reunidos, e a propria opposição embatucou por alguns momentos com este novo argumento opposionista.

Quem lançou a bomba? foi o grito que se soltou d'um extremo ao outro do paiz.

A resposta é que um homem que ia n'um trem de praça, arremessara o projectil á porta do governador civil, e o trem seguira rapidamente, sem que a policia lhe podesse deitar a mão.

Afinal, no momento em que escrevemos esta

revista ainda se não sabe ao certo quem é o *homem da bomba*, apezar de já se terem feito algumas prizões.

Falla se n'um tal Pinto que se procura por todos os cantos, mas em parte nenhuma pia. Já se diz que foi piar para Hespanha, se assim é os nossos visinhos que agradeçam o bom presente que lá foi ter, mas provavelmente não o criarão para gallo e virá recambiado para a mãe patria, onde veremos se effectivamente se verifica ser elle o *homem da bomba*.

E eis tudo quanto tem produzido a ultima dezena politica, muito mais ruidosa em questões e comicios que utilitaria em medidas administrativas, entrando apenas no parlamento em discussão o orçamento rectificado, que entretem n'este momento a representação nacional, com a descrença propria do caçador que bate o matto d'onde não espera coelho.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os Exilados da Terra. — por André Laurie, traducção de Eduardo Coelho Junior, illustrações de Jorge Roux. Companhia Nacional Editora, Lisboa. Esta obra de que recebemos os primeiros fasciculos, compõem-se de duas partes. 1.ª *O Anão de Rhadameh*, 2.ª *Os Naufragos do Espaço*. E' no genero das obras de Julio Verne, que tanto tem agradado, e por isso é de esperar que em Portugal *Os Exilados da Terra* encontrem o mesmo extraordinario acolhimento que encontraram as obras d'aquelle auctor.

Melancolia. — por Alfredo Alves, Porto, Typographia Elzeviriana, 1889.

Um bello livro de versos que revela um poeta de raça, fino e inspirado dos grandes ideaes da poesia, que canta o amor e as maravilhas da natureza, o que nem sempre acontece na poesia moderna.

EXPOSIÇÃO DA CAIXA ECONOMICA OPERARIA

Edificio onde se inaugurou a exposição no dia 26 de maio de 1889

RESENHA NOTICIOSA

O Pano de Bocca para o Theatro de Evora. — Um amavel convite que recebemos dos srs. João Vaz e Antonio Ramalho levou-nos a ir-mos vêr, no salão de pintura do theatro de S. Carlos, o pano de bocca que estes distinctos artistas pintaram para o novo theatro de Evora *Garcia de Rezende*.

Os srs. Vaz e Ramalho foram encarregados das pinturas decorativas da sala de espectaculo do dito theatro, e no seu plano decorativo attenderam ao nome do theatro de modo que as pinturas fossem allusivas a Garcia de Rezende o grande classico portuguez.

A decoração da sala é no estylo manuelino e no tecto ha uma alegoria a Garcia de Rezende, em que a Tragedia, o Drama, a Comedia, a Poesia, etc. victoriam o poeta.

O pano de bocca está feito em harmonia com a decoração da sala e representa um jardim que póde ser o do Paço Real de Evora que se vê ao fundo do panno e á direita do espectador. A' esquerda vêem-se por entre o arvoredo as ruinas do templo de Diana. No primeiro plano e á direita desenha-se uma galeria do jardim em estilo manuelino, para que serviu de modelo as famosas galerias dos claustros dos Jeronymos. A meio do pano e avançando para o primeiro plano vê-se uma larga escadaria ladeada de cortinas de pedra e nas pilastras que as rematam umas armas reaes. Um jovem pagem desce esta escada trazendo a tiracol um bandolim e na mão direita um livro. É Garcia de Rezende na sua mocidade. Para a esquerda d'esta escadaria segue uma balaustrada do mesmo estylo, sobre a qual se lança um grande pano de arhaz onde se desenha a torre de Belem, obra em que Garcia de Rezende teve grande parte. Para a esquerda cahe uma grande cortina de seda vermelha que vem até quasi meio do pano suspensa por uns cordões que o atravessam a toda a largura obliquamente. Esta grande cortina colhida para o lado deixa ver formosos macissos de plantas floridas.

A concepção d'esta composição é muito completa e perfeitamente imaginada, e a sua execussão magistral, o que revela mais uma aptidão nos destinctos pintores já vantajosamente conhecidos pelos seus bellos quadros, mas que pela primeira vez tentam a pintura de scenographia.

Condes de Valença. — Partiram hontem para Paris, em carroagem salão no *Sud-Express* os srs. condes de Valença acompanhados de seu filho mais velho Ricardo. Acompanharam suas excellencias á estação de Santa Apolonia, além da familia, muitos dos seus amigos mais intimos e pessoas de suas relações. Lembra nos de termos visto ali a ex.ma esposa do sr. presidente do conselho. D. Maria Emilia Seabra de Castro e filhas, D. Alice Mourró Anjos e irmãos, D. Laura Guimarães, D. Carolina Soares Jardim, D. Josephina Hintze Ribeiro, conselheiro Hintze Ribeiro, Dr. Deslandes, Dr. Oliveira Valle, Bulhão Pato, Alfredo Anjos, Polycarpo Anjos, Joaquim Jardim, Zepherino Brandão, Pedro Ignacio Lopes, Julio de Magalhães, Joaquim Moreira Marques, Eduardo Moreira Marques, João Pereira Victorino, Carlos Schirley, Affonso Vargas, Polycarpo Pecquet dos Anjos, Carlos Freitas Jacome, Dr. Korth, Brito Aranha, Bermudes, Telles Baptista, Pessoa de Amorim, Villela, Caetano Alberto etc.

Os srs. Condes de Valença vão visitar a exposição e comprar alguma mobilia para as salas do seu palacio, ao Pau da Bandeira, que tem estado em obras, que se acham quasi concluidas.

Adolpho, Modesto & C.ª—impressores

25 a 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 a 43